



A palatalização dos segmentos /t/ e /d/ adjacentes a ditongo em registros de fala mossoroense

Palatalization of the /t/ and /d/ segments adjacent to diphthong in speech records in people in Mossoró-RN city

Thayná Cristina Ananias

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte
/ Brasil

thyncris@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6646-501X>

Carla Maria Cunha

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte
/ Brasil

cmcunha63@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-9405-2992>

Resumo: Este artigo focaliza a análise do fenômeno da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ em *onset* silábico contíguo a ditongo, em Mossoró–RN. As postulações de Clements e Hume (1996) sobre Geometria de Traços, de Selkirk (1982) sobre o Modelo Autossegmental de Sílabas formam a base teórica da pesquisa, que transversalmente traz também à discussão características socioculturais dos falantes (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). A metodologia de coleta de dados envolve dois Questionários Fonético-Fonológicos Lúdicos, um Questionário Fonético-Fonológico e uma Narrativa Semidirigida aplicados a seis informantes. As variáveis extralinguísticas contempladas são sexo, idade e escolaridade. Após a pesquisa de campo, os dados foram registrados em transcrição fonética de oitiva e alguns deles passaram por análise acústica. A pesquisa objetiva verificar as motivações para a palatalização nessa comunidade, até então conhecida como não palatalizante. Os resultados indicam que a palatalização, em

Mossoró, é linguisticamente significativa, principalmente no contexto de /t/ e /d/ em *onset* compartilhando sílaba átona final de palavra com ditongo iniciado por [i] ou [j]. Ademais, propõe-se a seguinte interpretação: a palatalização ocorre mediante espriamento de nó Vocálico de /i/ e a africação mediante espriamento desse nó e de [+contínuo], ramificado diretamente do nó Raiz. Por fim, a análise revela que há indícios de palatalização mais frequente por parte das mulheres e dos mais jovens – quando levado em consideração o âmbito extralinguístico.

Palavras-chave: palatalização; ditongo; geometria de traços; modelo autosegmental de sílaba; sociolinguística.

Abstract: This article emphasizes on the analysis of the phenomenon of palatalization of the /t/ and /d/ segments in syllabic *onset* contiguous to diphthong, in Mossoró–RN. The postulations by Clements and Hume (1996) on Feature Geometry, by Selkirk (1982) on the Autosegmental Syllable Model form the theoretical basis of the research, which transversally has also brought to the discussion sociocultural characteristics of the speakers (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). The data collection methodology has involved two Playful Phonetic-Phonological Questionnaires, a Phonetic-Phonological Questionnaire and a Semi-Directed Narrative applied to six informants. The extra-linguistic variables considered are sex, age and education. After the field research, the data were recorded in hearing phonetic transcription and some of them underwent acoustic analysis. The research aims to verify the motivations for palatalization in this community, until then known as non-palatalizing. Results have indicated that palatalization is linguistically significant in Mossoró, especially in the context of /t/ and /d/ in *onset* sharing final unstressed syllable of word with diphthong beginning with [i] or [j]. Furthermore, the following interpretation is proposed: palatalization has occurred by spreading the /i/ Vowel node and the affrication by spreading of that node and [+continuous], branched from the Root node. Finally, the analysis has revealed that there is evidence of more frequent palatalization on the part of women and the younger ones – when taking the extralinguistic scope into account.

Keywords: palatalization; diphthong; feature geometry; autosegmental syllable model; sociolinguistics.

Recebido em 19 de fevereiro de 2021

Aceito em 26 de maio de 2021

1 Introdução

Este artigo objetiva sistematizar o fenômeno da palatalização dos segmentos obstruintes [-contínuo] coronais [+anterior] e [-distribuído] /t/ e /d/ em posição de *onset* de sílaba contíguo a ditongo, na fala de mossoroenses.¹ Para iniciar a discussão, é necessário apresentarmos a definição do fenômeno da palatalização. De acordo com Cristófaros-Silva (2017), consiste em uma consoante que adquire uma articulação palatal ou próxima à região do palato, sendo interpretado como um fenômeno apenas fonético de ajuste articulatorio. É importante destacar que, neste trabalho, compreendemos a palatalização como um fenômeno que resulta em consoantes oclusivas palatalizadas² [tʲ] e [dʲ] e/ou africadas palatais³ [tʃ] e [dʒ].

Para respaldar a análise, três abordagens são delimitadas. A primeira delas é a Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1996), por ser uma teoria possível de expressar a naturalidade dos processos fonético-fonológicos. A segunda envolve o Modelo Autossegmental de Sílaba (SELKIRK, 1982), devido à pertinência da sílaba e do peso silábico na sustentação da interpretação pretendida. A terceira, tomada de modo transversal, é a vertente da Sociolinguística (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006), uma vez que essa corrente leva em consideração os aspectos sociais e culturais atrelados ao uso da língua. Sendo assim, os fatores delimitados para verificar possíveis correlações com a variação linguística focalizada são sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Essas variáveis são comumente tomadas em trabalhos do projeto *ALiB (Atlas Linguístico do Brasil)*, cujas discussões retratam eventos linguísticos atrelados a perfis de comunidades linguísticas brasileiras. As pesquisas que compõem o projeto depreendem, assim, características socioculturais dos indivíduos correlacionadas aos diferentes níveis da

¹ A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética (CAAE 23718819.1.0000.5537).

² Mesmo que a base principal da pesquisa seja a Geometria de Traços, também são feitas referências a termos da Fonologia Clássica Estruturalista para simplificar retomadas aos segmentos.

³ Segmentos africados no PB se manifestam apenas foneticamente. Logo, nomeamos as africadas como palatais, e não palatalizadas, por entendermos que ao modo africado se atrela um ponto de articulação também fonético, diferenciando, por exemplo, o segmento africado palatal desvozeado [tʃ] do segmento africado alveolar desvozeado [ts].

língua, como fonético, morfológico, sintático e pragmático. Em Cardoso e Mota (2006) e Cardoso, Mota e Paim (2012), por exemplo, apresentam-se diversos trabalhos e, também, diversas referências no que diz respeito a variados fenômenos fonético-fonológicos, inclusive sobre a palatalização de /t/ e /d/ (ARAGÃO, 2006).

É notório que o contexto linguístico de /t/ e /d/ diante de [i] é o principal motivador da palatalização em diversos falares do português brasileiro (PB), conforme atestam, por exemplo, Bisol (1991), Mattoso Camara Jr (1992), Da Hora (1993), Callou e Brandão (2006) Battisti *et al.* (2007) e Cristófaró-Silva *et al.* (2012). Contudo, neste artigo, discutimos registros de fala de Mossoró—RN nos quais esse mesmo fenômeno ocorre em ambiente não tão difundido nas descrições já realizadas. A partir da convivência com falantes nativos de Mossoró, tivemos a percepção da produção de consoantes palatalizadas correspondentes aos fonemas /t/ e /d/, ao constituírem sílaba com ditongos compostos pela vogal coronal [i] seguida pela semivogal dorsal [w] – ditongo decrescente –, a exemplo de ‘pódio’ [ˈpɔdʒiw], ou pela semivogal palatal [j] seguida por uma vogal – ditongo crescente –, a exemplo de ‘sítio’ [ˈsitʃju]; ou, ainda, ao constituírem *onset* de sílaba em vizinhança direta com o ditongo decrescente, cuja semivogal [j] participa da sílaba imediatamente antecedente ao /t/ ou /d/ em *onset*, a exemplo de ‘doido’ [ˈdojdʒu].

A justificativa desse estudo reside na possibilidade de observar a expansão da palatalização sob a ótica da Geometria de Traços, tentando ainda fazer remissão à Sociolinguística. Ainda que, no senso comum, se fale que o *chiado* – aspecto associado aos segmentos palatalizados e/ou de contorno, a exemplo de [tʃ] e [dʒ] – não faça parte da fala potiguar,⁴ a pesquisa pretende mostrar um uso produtivo, na região, de formas palatalizadas de /t/ e de /d/.

Mossoró é o segundo município mais populoso do RN e, geograficamente, localiza-se na região semiárida, distinta da região em que a capital Natal está inserida, área litorânea. Os indivíduos naturais de Mossoró apresentam um perceptível orgulho de suas raízes. Isso se faz notório pelo uso frequente da expressão *pais de Mossoró*⁵ aplicada ao

⁴ Referente a quem ou ao que é natural do Rio Grande do Norte.

⁵ Expressão utilizada a partir de meados do século XX como estratégia de dominação política da família Rosado, no intuito de seus membros se apresentarem como os continuadores de um passado de glórias e, com isso, obterem sucesso nas campanhas eleitorais. Procura designar uma porção do território do RN que pretende ter identidade própria (CARVALHO, 2012).

município, sobretudo pelos próprios moradores. A identificação da região como país é, provavelmente, consequente de quatro acontecimentos. O primeiro deles é o *motim das mulheres* (1875), motivado pelo alistamento militar obrigatório dos homens em todo o Império. O segundo diz respeito à antecipação em cinco anos da *abolição dos escravos* (1883). O terceiro é conhecido como a *resistência de Mossoró ao bando de Lampião* (1927), episódio marcado pela derrota do bando perante enfrentamento do povo. Ainda hoje, esse fato pode ser reconhecido por meio de duas referências principais: o *Memorial da resistência* e o espetáculo teatral *Chuva de bala no país de Mossoró*. O quarto (e último) destaca o acontecimento do *primeiro voto feminino*, solicitado pela professora Celina Guimarães Viana, a partir da vigência da nova lei eleitoral (Lei n.º 660, de 25 de outubro de 1927).⁶

De tal maneira, esta pesquisa possibilita mover o holofote dos estudos linguísticos para uma das maiores cidades do RN. As hipóteses que norteiam a pesquisa são as seguintes:⁷

- I. a palatalização dos segmentos /t/ e /d/ tende a ocorrer produtivamente em *onset*, quando constituem sílaba átona em final de palavra com ditongo, crescente ou decrescente, iniciado por semivogal [j] ou vogal [i], a exemplo de ‘índio’ [’ĩdʒju] e ‘ódio’ [’odʒiw], respectivamente;
- II. a palatalização dos segmentos /t/ e /d/ tende a ocorrer de forma menos produtiva em *onset*, quando constituem sílaba átona não final de palavra (tanto inicial quanto medial) com ditongo contíguo, crescente ou decrescente que apresente segmento vocálico [i] ou semivocálico [j], a exemplo de ‘questionário’ [kɛʃtʃjo’nariw];
- III. a palatalização dos segmentos /t/ e /d/ não é esperada, quando em sílaba tônica diante da vogal simples [i], a exemplo de ‘vestido’ [vĩf’tidu];

⁶ Lei que regulava o serviço eleitoral no estado e estabelecia que, no Rio Grande do Norte, não haveria mais distinção de sexo para o exercício do voto e da condição básica de elegibilidade.

⁷ Das cinco hipóteses lançadas, quatro pertencem ao âmbito da abordagem linguística e só uma é tocante a características socioculturais, determinando, assim, o caráter complementar do aporte sociolinguístico.

- IV. a palatalização de /t/ ou /d/, em *onset* de sílaba com ditongo constituído por [i] ou por [j], ou em *onset* antecedido por ditongo decrescente constituído por [j], pode, subsequentemente, promover a monotongação: ‘útil’ [‘utiw] > [‘utʃiw] > [‘utʃu] ou ‘oito’ [‘ojtu] > [‘ojtʃu] > [‘otʃu]; e
- V. o registro da palatalização é mais produtivo na fala de jovens, de mulheres e/ou de pessoas mais escolarizadas.

As seções subsequentes organizam-se da seguinte forma: Referencial teórico, seção na qual são apresentadas abordagens da Geometria de Traços, do Modelo Autossegmental de Sílaba e da Sociolinguística, e ainda é apresentada uma breve panorâmica sobre estudos sociolinguísticos voltados para a palatalização, sobretudo na região nordeste do Brasil; Metodologia, na qual são expostos os instrumentos utilizados na pesquisa de campo e a forma como foi feita a coleta de dados; Caracterização acústico-articulatória das variáveis linguísticas, na qual são estabelecidas as diferenças articulatórias e acústicas de [t], [tʃ] e [tʃ̥] para /t/ e [d], [dʒ] e [dʒ̥] para /d/; Análise dos dados, na qual são apresentados e interpretados os dados recolhidos; e, por último, as Considerações finais, seção na qual se retomam os resultados alcançados e lançam-se questões para futura pesquisa.

2 Referencial teórico

2.1 Geometria de Traços

Nesta pesquisa, o referencial teórico compreende a Geometria de Traços, o Modelo Autossegmental de Sílaba e a Sociolinguística. No que diz respeito à Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1996), é a vertente escolhida para explicitar os processos fonético-fonológicos devido ao conjunto de traços e à hierarquia entre os traços constituintes da configuração de cada segmento.

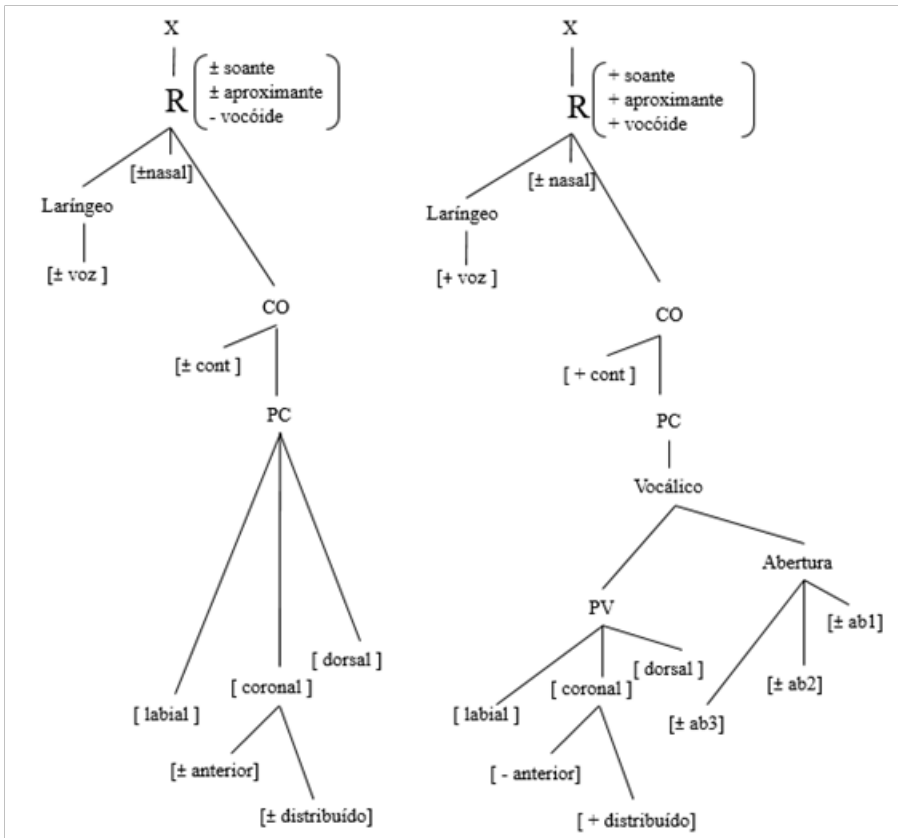
De acordo com Clements e Hume (1996), a hierarquia é estabelecida a partir da unidade abstrata de tempo (X) que se liga diretamente ao nó Raiz, constituído pelo conjunto de traços maiores: [±soante], [±aproximante] e [-vocoide], no caso da representação consonantal. Para representação vocálica, os traços maiores são [+soante], [+aproximante] e [+vocoide]. Tais traços são responsáveis por agrupar os

segmentos em grandes classes: obstruintes, nasais, líquidas ou vocoides. O nó Raiz, por sua vez, ramifica-se em três nós: nó Laríngeo, traço [\pm nasal] e nó Cavidade Oral (CO). O nó Laríngeo, por sua vez, ramifica o traço responsável pelo vozeamento [\pm voz], e o nó CO ramifica o traço [\pm contínuo] e o nó Ponto de Consoante (PC). Este nó é responsável pela configuração de ponto das consoantes, classificando-as como [labial], [coronal] e/ou [dorsal]. Se for o caso de um segmento coronal, ainda existem duas subespecificações: [\pm anterior] e [\pm distribuído].

Para as vogais, os acréscimos feitos à configuração arbórea das consoantes partem do nó PC. Este nó se ramifica em outro nó intermediário chamado nó Vocálico, cuja bifurcação compreende os nós Ponto de Vogal (PV) e Abertura. Quanto ao primeiro, ele determina qual/quais ponto(s) de articulação caracteriza(m) a realização do segmento em análise, com base nos articuladores ativados, sendo eles também [labial], [coronal] e/ou [dorsal]. Já o nó Abertura ramifica os traços relacionados à abertura da boca⁸ durante a articulação do segmento vocálico: [\pm ab1], [\pm ab2] e [\pm ab3]. Quanto mais aberta estiver a cavidade oral durante a produção dos segmentos vocálicos, mais traços positivos [+] são aplicados aos traços do nó Abertura. Quanto mais fechada, por sua vez, for a abertura da cavidade oral, mais traços negativos [-] são aplicados na configuração do nó Abertura. Por exemplo, a representação da vogal coronal [i] contém os traços [-ab1], [-ab2] e [-ab3].

⁸ Os graus do nó de Abertura estão relacionados com a altura do corpo da língua na cavidade oral.

FIGURA 1 – Representação da Geometria de Traços para consoantes e vogais



Fonte: Clements e Hume (1996, p. 216).

Após a apresentação da configuração de Clements e Hume (1996), é importante fazer uma ressalva. Neste trabalho, assumimos a alteração da localidade do traço [±contínuo] na geometria, conforme se encontra em Cunha (2004) e em Silva e Costa (2014). Isto é, o traço [±contínuo] passa a ser ramificado diretamente do nó Raiz, em vez de estar sob o nó Cavidade Oral como em Clements e Hume (1996). Tal escolha justifica-se no fato de que, em algumas línguas, a obstrução da corrente de ar na produção de uma consoante ocorre na região glotal e, nesse caso, ter o traço [±contínuo] alocado sob CO não contempla essa possibilidade articulatória. O português é uma das línguas a ter, em seu inventário de

segmentos fonéticos e fonológicos, representação de glotal. Além disso, na análise linguística que queremos estabelecer, a locação de $[\pm\text{contínuo}]$ sob o nó Raiz simplifica a descrição do processo de africacão⁹ em análise.

Dito isso, retomamos os postulados de Clements e Hume (1996) para classificar os segmentos e diferenciá-los, levando em consideração a inter-relação entre o nó Raiz e traços articulatórios.¹⁰ O segmento simples é caracterizado pela presença de apenas um nó Raiz e por um traço de articulação oral, por exemplo, [t] e [d], cujo PC ramifica o [coronal] com as subespecificações [+anterior] [-distribuído]. O segmento complexo, assim como simples, é caracterizado pela presença de um nó Raiz, mas difere-se por ter, no mínimo, dois traços de articulação oral. O segmento [u], por exemplo, é marcado por um nó Raiz e reconhecido pelos traços [labial] e [dorsal]. Quanto aos segmentos de contorno, eles são identificados pela presença, na configuração arbórea, de dois nós Raiz e pela presença de um mesmo traço com valores distintos, causando um efeito de borda. Exemplos desse tipo de segmento são [tʃ] e [dʒ], formas fonéticas em foco nesta pesquisa.

A semelhança entre as configurações de consoantes e vogais na Geometria de Traços pode ainda favorecer a explicação de processos como a palatalização, demonstrando a naturalidade proposta pela própria teoria.

2.2 Modelo Autossegmental de Sílabas

A fim de justificar a influência do ditongo no fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ em ambiente final átono, faz-se necessário abordar a constituição da sílaba.

Depois de ser aceita como unidade fonológica basilar, a sílaba, no Modelo Autossegmental (SELKIRK, 1982), constitui-se de um Ataque (A) e uma Rima (R), sendo esta ramificada em Núcleo (Nu) e em Coda (Co). Nessa abordagem, há um relacionamento mais estreito entre os elementos presentes no núcleo e na coda, ou seja, os integrantes da Rima. Esse entendimento sobre a constituição da sílaba, e mais precisamente sobre a formação da Rima – sobretudo, por lhe ser aplicável o peso

⁹ Ressaltamos que, nesse trabalho, a africacão está envolvida em processo de palatalização, mas a palatalização não se limita a formas africadas.

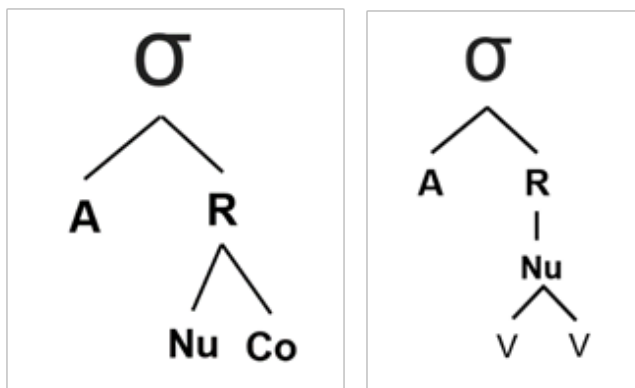
¹⁰ A teoria postula mais classificações para segmentos, mas apenas as três apresentadas são relevantes para a discussão.

silábico –, é relevante para a sustentação da análise a ser estabelecida neste artigo.

Com o envolvimento do peso silábico na análise, há implicação de que, quando a rima da sílaba é constituída somente por uma vogal, é considerada uma sílaba leve. Por outro lado, quando a rima da sílaba é constituída por vogal + semivogal ou por semivogal + vogal, é considerada pesada. Logo, nessa perspectiva, a constituição do ataque não influencia no peso silábico, mas a da rima, com suas possibilidades de constituição, sim.

Uma sílaba leve possui, portanto, rima não ramificada e uma sílaba pesada possui rima ramificada, constituída por ditongo decrescente, ou núcleo ramificado, constituído por ditongo crescente (SIMIONI, 2011). Isto é, um ditongo decrescente torna a sílaba pesada mediante o respectivo posicionamento de vogal e semivogal em núcleo (Nu) e em coda (Co). Já um ditongo crescente configura uma sílaba pesada haja vista a bifurcação do núcleo (cf. FIGURA 2). Identificamos, assim, que é o ditongo constituído por /i/, independentemente de ser crescente ou decrescente, o elemento relevante para o processo de palatalização e africacão.

FIGURA 2 – Representação da constituição interna da sílaba composta, respectivamente, por um ditongo decrescente e por um ditongo crescente



Fonte: Elaboração própria.

Tomando a provável produtividade da participação de ditongo – com [i] ou [j] em sua constituição – na produção das formas palatalizadas e/ou africadas palatais de /t/ e /d/, em registros de fala mossoroense,

evidenciamos a sílaba pesada como um dos gatilhos do processo em discussão. O convívio com os falantes da comunidade já permitia observar a particularidade da palatalização realizada por eles, visto haver um indício de que não era decorrente da contiguidade com a vogal simples palatal [i], ambiente que se mostra bastante produtivo em outras regiões do Brasil. Por isso, acreditamos ser relevante para o desencadeamento do processo a contiguidade de /t/ ou /d/ com [i] ou [j], constituintes de ditongo, presentes em uma sílaba pesada. É importante ainda mencionar que o ditongo está sendo fonologicamente interpretado como VV. Logo, seguimos a interpretação de que semivogal não tem *status* fonológico no PB. Por isso, a representação de /i/, em ditongo, pode se reportar tanto a [j] quanto a [i].

Outro possível fator a influenciar o processo de palatalização é o ambiente prosodicamente fraco. A ocorrência de /t/ e /d/ sinaliza que, em registros de fala mossoroense, suas formas variantes com traço palatal tendem a ser realizadas com esses segmentos recaindo em sílaba átona, em posição final de palavra. Como se trata de uma sílaba que não possui uma intensidade marcada por acento na fala – ou seja, constitui uma sílaba prosodicamente fraca – o falante tende a articular mais debilmente os segmentos que nela recaem. Tal debilidade é reforçada pela posição de sílaba final de palavra. Processos de junção de palavras ou de apagamento de segmento em final de palavra, ou mesmo de toda a sílaba final,¹¹ demonstram a produtividade da sílaba final em processos fonético-fonológicos.

Assim sendo, há o favorecimento de produção de /t/ e /d/ como consoantes oclusivas palatalizadas ou como africadas palatais quando esses segmentos preenchem *onset* de sílaba átona final de palavra, contíguos a ditongo constituído por [i] ou [j].

2.3 Sociolinguística

Com o intuito de averiguar se os fatores extralinguísticos também podem ser correlacionados à palatalização de /t/ e /d/ contíguos a ditongo, elegemos a vertente da Sociolinguística (ARAGÃO, 2006, 2020; CARDOSO; MOTA; PAIM, 2012; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

¹¹ A exemplo disso, é possível citar os trabalhos de Cristóvão-Silva e Leite (2015), que discorrem sobre o apagamento de [i] em ambiente átono e o de Dias e Seara (2013), sobre redução e apagamento de vogais átonas finais na fala de crianças e adultos.

A Sociolinguística é uma subárea da Linguística, focalizada no estudo da língua em seu uso real. Como se interessa por fenômenos de variação, costuma-se mencionar que focaliza o caos da linguagem. Diverge, por exemplo, do Estruturalismo e do Gerativismo, cujo objeto de análise são as formas abstratas, fonológicas – sem, contudo, excluir suas possibilidades fonéticas – tudo no âmbito linguístico. A Sociolinguística, que tem o interesse em correlacionar fatos linguísticos a fatores socioculturais, sistematiza o aparente caos dos diversos registros de fala, no tocante à sua multiplicidade de possibilidades fonéticas estabelecendo correspondências com características socioculturais dos falantes (CEZARIO; VOTRE, 2008).

O interesse da teoria reside em investigar o grau de estabilidade e de mutabilidade da variação dos fenômenos da língua no que se relaciona a fatores linguísticos e extralinguísticos. Nessa perspectiva, objetivamos identificar prováveis variáveis relevantes no fenômeno da palatalização de /t/ e /d/.

Para estabelecer os padrões de coleta e de análise da pesquisa, são consideradas as noções de variáveis – conjunto de variantes. Entre elas, há a variável dependente, que diz respeito às possibilidades de variação do fenômeno linguístico estudado. As variáveis independentes, por sua vez, influenciam no fenômeno estudado e podem ser classificadas tanto como linguísticas quanto como extralinguísticas. Sobre as variáveis independentes, elas serão tratadas mais detalhadamente na Metodologia. No momento, podemos estabelecer as variáveis independentes linguísticas sendo correspondentes às posições e ambientes delimitados para análise e as variáveis independentes extralinguísticas, correspondentes aos aspectos sociais: sexo, faixa etária e escolaridade.

Ainda que, sob o viés quantitativo, nossa análise não possa manifestar assertividade, achamos relevante trazer à discussão aspectos socioculturais que, possivelmente, estejam atrelados ao fenômeno em estudo. Aragão (2020), ao defender diferenças linguísticas pautadas em manifestações sociais e culturais, trata, mais especificamente, dos falares nordestinos, condicionando-os às características dos indivíduos e das regiões em que vivem. A heterogeneidade da fala, então, “marca ou é marcada pelos aspectos socioculturais que revestem essas realizações” (ARAGÃO, 2020, p. 69). Ainda sobre essa caracterização, a autora aponta o léxico e as possibilidades fonéticas da língua como parâmetros fundamentais para apreensão dos falares regionais, e também dos falares individuais.

Seguindo essa perspectiva, trazemos à análise, ainda que transversalmente, elementos sociolinguísticos para uma compreensão do funcionamento dos registros fonéticos de /t/ e /d/ em Mossoró. Na hipótese da pesquisa referente à Sociolinguística, indicamos os fatores socioculturais sexo feminino e faixa etária mais jovem como possíveis favorecedores da realização palatal, fatores esses consubstanciados no entendimento da palatalização ser tratada como uma ocorrência linguística de entrada bem recente na comunidade. A escolha por tais fatores sociais é respaldada em Macedo (2004) e Pessoa (1986), visto analisarem formas fonéticas do /S/ em coda silábica em registros de fala do nordeste. Macedo (2004), ao tratar da palatalização no Recife, estabelece a influência dos fatores sexo feminino e faixa etária mais jovem como promotores socioculturais mais destacados de palatalização. Quanto à pesquisa de Pessoa (1986), que trabalhou apenas com informantes do sexo feminino e jovens, conclui-se que a palatalização do /S/ é mais produtiva em registro de fala de mulheres jovens menos escolarizadas. Comparando o resultado da pesquisa de Pessoa (1986) com o da pesquisa de Cunha e Silva (2019), que também trata da palatalização de /S/ em Natal, constata-se, numa perspectiva diacrônica, que a palatalização abrange tanto a fala de mulheres quanto de homens, tanto de indivíduos menos escolarizados quanto mais escolarizados, pertencentes a grupos etários diferentes. Devido ao estudo de Pessoa (1986) e de Cunha e Silva (2019) envolverem tanto processo de palatalização quanto registros de fala do RN, mais especificamente de Natal, acreditamos que esses fatores podem estar também envolvidos na palatalização de /t/ e /d/.

A variável escolaridade costuma ser determinante na caracterização sociocultural dos falantes promotores de formas linguísticas inovadoras, como demonstra o resultado da pesquisa de Pessoa (1986). Logo, a depender do grau de escolaridade dos indivíduos, pode haver manifestações linguísticas específicas. O trabalho de Battisti e Dornelles Filho (2015) também pontua a escolaridade como uma variável social relevante para o processo de palatalização, no caso, a de /t/ e /d/. Os autores, no estudo com comunidade ítalo-brasileira, em Flores da Cunha – RS, defendem três variáveis relevantes: indivíduos que completaram o ensino médio (mais escolarizados), indivíduos com menos de 50 anos e mulheres. Para eles, essas variáveis são indicadoras de mudança em progresso em relação à palatalização de /t/ e /d/ na comunidade pesquisada.

Ao levar em consideração a análise de um fenômeno linguístico, ainda há a possibilidade de analisá-lo em tempo real ou em tempo aparente. Uma pesquisa em tempo real consiste em analisar uma certa comunidade linguística em dois momentos distintos, com no mínimo 12 anos de diferença (CEZARIO; VOTRE, 2008). Uma pesquisa em tempo aparente, por sua vez, tem de observar um fenômeno em diferentes faixas etárias. Este artigo, por exemplo, apresenta uma pesquisa em tempo aparente, uma vez que trabalhamos com três faixas etárias – delimitadoras de uma das variáveis independentes consideradas em nossa análise.

2.4 Breve panorâmica sobre palatalização de /t/ e /d/ no PB

Essa breve panorâmica pontua pesquisas sobre a palatalização no Brasil e, em seguida, se direciona para pesquisas que abordam o fenômeno na região do nordeste do Brasil. O estudo da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ no PB, apesar de apresentar um longo trajeto, tem ainda a possibilidade de ser percorrido revelando novidades. Callou e Brandão (2006), ao retomar os trabalhos sobre palatalização, apontam o estudo de Reváh (1958), que trata sobre produções de /t/ e /d/ diante de /i/ – trabalho esse comparativo entre o português europeu e o português brasileiro. A menção a essa pesquisa é relevante, pois nela já se anuncia várias produções palatalizadas para segmento oclusivo alveolar no Brasil, conforme anunciado, “[t] como em Portugal, [tʰ] ligeiramente palatalizado e [ts], uma verdadeira africada (*meio-oclusiva*, para ele)” (CALLOU; BRANDÃO, 2006, p. 63). Ou seja, seriam variantes correspondentes às oclusiva alveolar [t], oclusiva palatalizada [tʰ] e africada palatal [tʃ]. As variadas realizações de /t/ e /d/ também são percebidas por Mattoso Camara Jr. (1992), que indica a maneira “soprada” que os falantes do Rio de Janeiro produzem /t/ e /d/ como uma forma de distinguir, por exemplo, esse falar do de São Paulo. Pelo menos desde o fim dos anos 50, portanto, visualiza-se um campo a ser explorado no que se refere ao fenômeno da palatalização de /t/ e /d/.

Dentre os estudos do fenômeno de palatalização no PB, destacamos o trabalho de Carvalho (1998 *apud* CALLOU; BRANDÃO, 2006) e Quandt (1998 *apud* CALLOU; BRANDÃO, 2006), que elaboraram um levantamento de dados de oclusivas dentais diante de [i] considerando dados do *APERJ* (*Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*) e também dos atlas linguísticos de Sergipe, da

Paraíba, de Minas Gerais e do Paraná. Nesse levantamento, evidencia-se a discrepância da palatalização, quando se compara os índices percentuais das duas regiões do nordeste do país – Sergipe e Paraíba – com os percentuais dos estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e do Paraná. Enquanto Sergipe e Paraíba apresentam, respectivamente, os percentuais 4% e 0% para as produções palatalizadas de /t/, e de 2% e 0% para as variantes palatalizadas de /d/, a região de Minas Gerais, como representante mais palatalizante, apresenta 98% para produções palatalizadas tanto de /t/ quanto de /d/. Nesse sentido, é possível evidenciar a característica não palatalizante dos estados nordestinos observados. No que diz respeito à cidade de Mossoró-RN, cujos registros de fala são analisados nesta pesquisa, pode-se dizer também que pertence a parte do nordeste tida como de falar não palatalizante.

Focalizando ainda mais a palatalização no âmbito do nordeste, mencionamos o trabalho de Da Hora (1993). Ao tomar as regiões da Bahia e da Paraíba como eixos de estudo sobre o processo, Da Hora (1993) delimita, como ambientes produtivos, tanto o compartilhamento de sílaba de /t/ e /d/ com a vogal /i/ quanto a participação dessas consoantes na sílaba com o glide [j], constituinte de um ditongo crescente. Ainda destacando pesquisas com foco em registros de fala do nordeste, apontamos Cristóforo-Silva *et al.* (2012), que comparam a produção de /t/ e /d/ na vizinhança direta com a vogal [i] em Fortaleza (CE) – de registro de fala reconhecidamente palatalizante – e Afonso Bezerra e Guimarães (RN) – de registros de fala reconhecidamente não palatalizante. O resultado desse trabalho contraria a expectativa de não se encontrar produções palatalizadas de /t/ e /d/ nessas cidades do RN, visto ser atestado o percentual de 19% de itens com produção africada palatal. Com isso, há, assim, uma indicação de variação entre forma palatalizada e não palatalizada de /t/ e /d/.

Sobre a produção palatalizada de /t/ e /d/ no falar mossoroense, o trabalho de Barboza (2013) já apresenta essa possibilidade no registro não palatalizante do RN, ao investigar os efeitos da palatalização de /t/ e /d/ no aprendizado da fonologia do inglês – como língua estrangeira (L2) – por falantes naturais das cidades de Mossoró-RN e de Fortaleza-CE. Nessa pesquisa, inclusive, a palatalização em Mossoró já se mostra motivada pela presença de ditongo constituído pela vogal [i] ou pela semivogal [j].

Nossa pesquisa, em consonância com a de Barboza (2013), observa registros de fala mossoroense relativos a produções de /t/ e /d/, sobretudo no que diz respeito à palatalização. Ainda convergem no

entendimento da participação de ditongo constituído por [i] ou [j] na promoção do processo em destaque. Nossa pesquisa difere-se, no entanto, por buscar expandir o estudo das variantes palatalizadas no PB, centrando-se, inclusive, na explicação linguística do evento, enquanto a de Barboza (2013) envolve comparação com a aprendizagem da fonologia do inglês.

3 Metodologia

A investigação tem por objetivo registrar a fala de indivíduos que são naturais de Mossoró e que vivem, ao menos por $\frac{2}{3}$ da vida, na região. Pretendemos, do ponto de vista linguístico, observar o fenômeno da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ em *onset*, em vizinhança direta com a semivogal [j] ou vogal [i] – na constituição de um ditongo – na própria sílaba – como em ‘prédios’ [ˈpɾɛdʒjus] e ‘médio’ [ˈmɛdʒiw] – ou na sílaba antecedente – como em ‘oito’ [ˈojtʃu]. Se o segmento vocálico [i] ou semivocálico [j] constitui sílaba com /t/ ou /d/, o processo de assimilação aplicável é regressivo;¹² se o segmento semivocálico partilha da sílaba antecedente que está em contiguidade com /t/ ou /d/ em *onset*, o processo de assimilação é progressivo.¹³

No que se refere à análise das produções fonéticas dos fonemas /t/ e /d/, são consideradas as variáveis independentes, tendo em vista as variáveis dependentes. Sendo estas: [t] ~ [tʲ] ~ [tʃ] para /t/ e [d] ~ [dʲ] ~ [dʒ] para /d/. Os segmentos [tʲ] e [tʃ] para /t/ e [dʲ] e [dʒ] para /d/ são formas resultantes da aplicação do processo de palatalização.

Quanto às variáveis independentes, são considerados os fatores linguísticos e extralinguísticos. Os linguísticos consistem em posição da sílaba na palavra (sílabas final e não final); tonicidade (sílabas tônicas e átonas); contexto fonético-fonológico antecedente (vogal simples ou semivogal coronal constituindo ditongo); contexto fonético-fonológico seguinte (vogais labial, coronal, dorsal; semivogal coronal). Os fatores extralinguísticos, por sua vez, envolvem a participação de seis informantes que contemplam três diferentes variáveis: sexo, feminino ou masculino; faixa etária, sendo a primeira (F1) de 18 a 35 anos, a segunda (F2) de 36 a 55 anos, e a terceira (F3) a partir de 56 anos; e escolaridade, dividida, nesta

¹² Tipo de processo bem produtivo no PB.

¹³ A produtividade desse tipo de processo, na variação observada, é baixa, resultando, assim, na obtenção de pouquíssimos dados na pesquisa.

pesquisa, em menos escolarizado, cuja constituição contempla àqueles que possuem ensino fundamental completo ou incompleto, e mais escolarizado, cuja constituição abarca os informantes com ensino médio em diante.

QUADRO 1 – Elenco das variáveis independentes linguísticas

Variáveis independentes linguísticas		
Fator	Exemplos	
Posição da sílaba na palavra	sílaba final	triste, hó stia , remé dio ¹⁴
	sílaba não final	questio nário , estudioso
Tonicidade	átona	pátio, ó dio , di abo
	tônica	telepat ia , matern idade
Contexto fonético-fonológico antecedente	vogal simples	esp eto , idi ota
	semivogal coronal constituindo ditongo	oi to , doi do , mu ito
Contexto fonético-fonológico seguinte	vogal labial e dorsal	esp eto , doi do
	vogal coronal	t igre , tri ste , vesti do
	semivogal coronal constituindo ditongo	estú dio

Fonte: Elaboração própria.

QUADRO 2 – Elenco das variáveis independentes extralinguísticas

Variáveis independentes extralinguísticas	
Fator	Descrição
Sexo	Feminino
	Masculino
Faixa etária	F1 de 18 a 35 anos
	F2 de 36 a 55 anos
	F3 a partir de 56 anos
Escolaridade	Menos escolarizado
	Mais escolarizado

Fonte: Elaboração própria.

¹⁴ /t/ e /d/ são considerados em sílaba final, desde que as vogais em contato constituam ditongo.

Os instrumentos elaborados envolvem dois Questionários Fonético-Fonológicos de caráter Lúdico (QFFL), um Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e uma atividade de caráter narrativo, chamada Narrativa Semidirigida (NS).¹⁵ O primeiro QFFL consiste em um caça-palavras que requer a produção das palavras encontradas em voz alta. O segundo QFFL configura-se em um jogo da memória que também requer que a resposta dada seja produzida em voz alta, na medida em que o par for feito. O terceiro instrumento diz respeito a um conjunto de questões que induz o informante a dar uma determinada resposta – questões fechadas. E o quarto e último instrumento é uma atividade de narrativa que solicita ao informante contar ou recontar uma história bem conhecida, a exemplo de alguma lenda urbana da cidade ou um conto de fadas. Durante a sua narrativa, ele é orientado a integrar palavras à sua fala, apresentadas em formato de fichas impressas, pela pesquisadora. No máximo, um conjunto de dez palavras – ou possíveis vocábulos fonológicos – são propostos a integrar à narrativa com o intuito de obter, com mais certeza, ocorrências linguísticas de /t/ e /d/ em ambientes de interesse da pesquisa, a partir do desenvolvimento de um assunto familiar dos informantes. Sendo assim, os quatro instrumentos buscam captar a produção de fala do informante com maior naturalidade e espontaneidade possível – dentro de um contexto preestabelecido, em que sua atenção esteja voltada às atividades, e não à produção em si.

A partir das variáveis estabelecidas, a seleção dos informantes foi realizada com auxílio de um familiar da pesquisadora, que promoveu o contato entre pesquisador e informantes para efetivação da pesquisa de campo realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2020. Antes de iniciar a coleta de dados, realizou-se uma breve entrevista a fim de registrar as informações básicas dos participantes, como nome, idade, escolaridade e apresentar os documentos requeridos pelo Comitê de Ética.¹⁶

O perfil dos informantes ficou da seguinte maneira: na primeira faixa etária, há um homem (I1) e uma mulher (I2), ambos mais escolarizados; na segunda, um homem mais escolarizado (I3) e uma

¹⁵ Instrumentos criados em consonância com o *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001* (2001).

¹⁶ Todos os informantes, cientes da utilização dos dados, concordaram com a participação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de autorização para gravação de voz.

mulher menos escolarizada (I4); na terceira, mesmo padrão da segunda, um homem mais escolarizado (I5) e uma mulher menos escolarizada (I6).

As características socioculturais delimitadas serão cruzadas com as variáveis independentes linguísticas que demonstraremos no Quadro a seguir.

QUADRO 3 – Possíveis cruzamentos entre as variáveis independentes

Cruzamento das variáveis ¹⁷				
Variáveis independentes linguísticas		Variáveis independentes extralinguísticas		
Desvozeadas	Vozeadas	Faixa etária	Sexo	Escolaridade
[t]	[d]	F1 de 18 a 35 anos F2 de 36 a 55 anos	Sexo feminino Sexo masculino	Mais escolarizado Menos escolarizado
[ʃ]	[dʒ]	F3 a partir de 56 anos		

Fonte: Elaboração própria.

O contato com os informantes foi realizado em dois encontros, em dias diferentes. O primeiro deles foi para apresentação da pesquisa, sem explicações minuciosas, apenas descrevendo os instrumentos a serem aplicados – medida feita com o intuito de que os informantes não monitorassem tanto a própria fala no momento da gravação. No início do primeiro contato, também foram informados de que teriam de assinar os documentos de ciência de participação. Nesse dia, ainda foram aplicados os dois QFFLs e a NS.

Durante a coleta de dados, foi perceptível que a utilização do caça-palavras não estava sendo bem-sucedida, uma vez que se passava muito tempo, de forma geral, para que alguma palavra fosse encontrada pelos informantes. As participantes da segunda e da terceira faixas etárias (I4 e I6) demonstraram também uma certa dificuldade durante o acréscimo das palavras e/ou vocábulos fonológicos na Narrativa Semidirigida. Por isso, fez-se necessária a diminuição de apresentação de palavras na NS.

Após realizar a escuta dos dados gravados no primeiro encontro, notou-se que alguns contextos não foram contemplados devido à

¹⁷ As variáveis independentes oclusivas palatalizadas não foram contempladas no cruzamento devido à baixa produtividade de suas ocorrências no que diz respeito a esse momento da pesquisa. No entanto, são tratadas na análise linguística.

infrutuosidade do caça-palavras. Sendo assim, o segundo encontro foi realizado, aproximadamente um mês depois, com aplicação do QFF, a fim de obter os contextos faltosos decorrentes da aplicação frustrada do caça-palavras. Durante a aplicação do QFF, as mesmas informantes (I4 e I6) apresentaram um pouco de dificuldade, levando a algumas alterações nas questões do QFF, além do auxílio mais direto da pesquisadora.

A coleta de dados foi feita mediante a utilização do Gravador de Voz do aparelho celular da própria pesquisadora, instrumento de captação que se mostrou, no geral, de boa qualidade. Inicialmente, os dados foram registrados em transcrição fonética de oitiva. Em seguida, utilizou-se o *software* PRAAT, com o intuito de fazer uma análise acústica voltada para as produções que causaram dúvida nos registros feitos de oitiva.

Apesar de fazermos relação entre fato linguístico e características socioculturais dos falantes, destacamos que o foco da pesquisa não é a análise sociolinguística, uma vez que apresentamos uma pequena quantidade de dados de fala e de informantes e a pesquisa sociolinguística requer, comumente, um quantitativo grande de dados e de informantes para o estabelecimento das interpretações. Utilizamos, então, elementos da Sociolinguística como adendos para interpretação dos dados, de maneira a ampliar o entendimento da manifestação das variações observadas em Mossoró.

4 Caracterização acústico-articulatória das variáveis linguísticas

Antes de começarmos propriamente a análise, avaliamos necessário estabelecer diferença entre os constituintes dos conjuntos dos segmentos [t], [tʃ] e [tʰ] para /t/ e [d], [dʒ] e [dʲ] para /d/. A identificação feita é de caráter acústico-articulatório, estabelecida por oitiva e também por interpretação de espectrograma.

A percepção de oitiva foi manifesta, em momentos diferentes, por integrantes do mesmo grupo de pesquisa. A audição permitiu identificar segmentos produzidos pela manifestação de oclusão da passagem de ar e sua liberação completa – realizações oclusivas; pela manifestação de oclusão e liberação da passagem de ar friccionado – realizações africadas, e pela manifestação de oclusão de segmento alveolar com traço de palatalização – realizações oclusivas palatalizadas.

A percepção acústica desses segmentos, por sua vez, considerou os seguintes parâmetros: (i) energia e (ii) duração. Na identificação das

oclusivas, verificam-se (i) ausência/queda de energia acústica antes de sua produção final; (ii) menor duração na produção em comparação com a das africadas. Na identificação das africadas, verificam-se (i) ausência de energia no momento inicial de sua produção (manifestação da oclusão); (ii) maior duração na produção em comparação com as oclusivas. Por fim, na identificação das oclusivas palatalizadas, verificam-se (i) ausência de energia acústica antes de sua produção; (ii) duração intermediária em comparação com a oclusiva plena e a africada palatal. Dessa forma, não se consegue identificar nem um segmento plenamente oclusivo alveolar nem plenamente africado palatal, marcando, assim, o intermédio entre eles.

Ainda desenvolvendo a abordagem acústica, identificamos a produção de oclusiva palatalizada, avizinhada de ditongo com vogal [i], pela confirmação de parâmetros atribuídos a oclusivas em geral, a exemplo da ausência de energia acústica e do momento de plosão (*burst*), acrescidos de um parâmetro diferenciador. Nesse caso, o elemento diferenciador de oclusivas plenas em relação às oclusivas palatalizadas é manifesto pela energia acústica de amplitude média, após a plosão.¹⁸ Tal amplitude demonstra indícios formânticos de F2, aplicáveis, de modo análogo, à vogal coronal [i] – a presença da coarticulação com [i] é dimensionada pela marcação de 2000Hz a 2500Hz.

Por conseguinte, supomos que a oclusiva palatalizada decorra da produção reduzida do segmento [i], a ponto de tal som fornecer coarticulação à oclusiva, criando, assim, uma consoante com articulação secundária, isto é, um segmento complexo. Na imagem acústica que serviu de parâmetro, essa consoante, além de apresentar região de obstrução completa, mostra traço que interpretamos como coarticulação, representada pelo início de F2 da vogal [i] ainda na zona de liberação de ar após o momento de oclusão.

5 Análise

A análise do *corpus* proporciona a identificação de diferentes variantes para as variáveis /t/ e /d/ em *onset* silábico: para a variável /t/, as variantes [t], [tʃ] e [tʰ]; e, para a variável /d/, as variantes [d], [dʒ]

¹⁸ A frequência média, isto é, abaixo de 2500Hz, é um dos fatores que nos impede de interpretar o ruído como característico de africadas, haja vista que esse tipo de segmento precisa ter ruído entre 2500Hz e 4500Hz.

e [dʲ], formas variantes apresentadas seguindo o quantitativo das mais produtivas para as menos.

O percurso dessa análise consiste na discussão das hipóteses indicadas na introdução, a começar pelas hipóteses linguísticas. Inclusive, entendemos que se estabelece entre essas hipóteses uma ordenação – partindo daquela potencialmente mais influenciadora do processo de palatalização e/ou africacão para a menos influenciadora. Em seguida, discorreremos sobre a hipótese referente a outro processo fonético-fonológico desencadeado após o de palatalização e/ou de africacão. Discutimos, ainda, a viabilidade de uma interpretação autosssegmental para palatalização e africacão. Por fim, analisamos as variáveis extralinguísticas.

5.1 Variáveis linguísticas

Nosso *corpus* é constituído por um total de 179 dados de fala resultantes da participação de seis informantes. Retomando as variáveis linguísticas controladas: posição da sílaba na palavra, tonicidade, contexto fonético-fonológico antecedente e contexto fonético-fonológico seguinte, destacamos, dentre elas, a posição de sílaba final, o ambiente átono e contexto seguinte de ditongo iniciado por [i] ou [j] como contribuintes para a palatalização de /t/ e /d/ em Mossoró-RN, conforme indica a Tabela 1 a seguir.

TABELA 1 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba átona final contíguo a ditongo iniciado por [i] ou [j]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO I				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	11	64,17%	17
	[tʃ]	5	29,41%	
	[tʲ]	1	5,88%	
/d/	[d]	33	51,56%	64
	[dʒ]	27	42,19%	
	[dʲ]	4	6,25%	

Fonte: Elaboração própria.

Na sequência, retomamos as quatro hipóteses linguísticas elencadas no início da pesquisa para analisar a validação – ou não – de cada uma. A primeira hipótese linguística, referente à tendência da palatalização dos segmentos /t/ e /d/ ocorrer produtivamente em *onset*, é confirmada, desde que constituam sílaba átona em final de palavra e compartilhem sílaba com ditongo crescente ou decrescente, iniciados por [i] ou [j]. Na maior parte dos dados em que há palatalização de /t/ e /d/, eles encontram-se constituindo sílaba átona final contíguos a ditongo, como nas produções ‘sítio’ [ˈsitʃju], ‘hóstia’ [ˈɔʃtʃja], ‘oito’ [ˈojtʃu], ‘prédios’ [ˈpɾɛdʒjus] e ‘ódio’ [ˈɔdziw].¹⁹

É perceptível, também, que a posição de sílaba átona não final em que os segmentos /t/ e /d/ formam sílaba com ditongo e a posição de sílaba final em que essas consoantes estão antecidas imediatamente por ditongo decrescente favorecem a palatalização em menor grau. Como exemplos desses contextos, respectivamente, apresentam-se os seguintes dados: ‘questionário’ [kɛʃtʃɔˈnariu]²⁰ e ‘oito’ [ˈojtʃu].

E, por fim, como esperado para Mossoró, os ambientes que não favorecem a palatalização consistem na sílaba tônica e na partilha silábica de /t/ ou /d/ com a vogal simples [i]. No entanto, como já mencionado, em pesquisa feita em Afonso Bezerra e Guamaré, duas cidades do interior do RN, registra-se produção palatalizada de /t/ e /d/ no ambiente linguístico que, em nossa pesquisa, não se mostra tão favorecedor: na vizinhança direta com a vogal [i]. Segundo Cristófaros-Silva *et al.* (2012, p. 76): “[...] na variedade não palatalizante do Rio Grande do Norte, esperaríamos que apenas oclusivas ocorressem, mas, ao contrário, foram atestados 19% de itens léxicos com uma africada”. Com esse resultado, observamos que, em comparação com os nossos, confirma-se a ocorrência de produção palatalizada para /t/ e /d/, mas também confirma a baixa produtividade de palatalização apenas na presença da vogal [i].

¹⁹ É importante explicitar que o fato de não ter ocorrido [tʃ] na constituição de sílaba com ditongo decrescente pode ser associado a uma limitação do *corpus*. Considerando que há a possibilidade de variação livre entre as produções de ditongos crescente e decrescente, os informantes desse estudo produziram o ditongo crescente. Em outros estudos realizados em localidades da mesma região (RN), originários do mesmo projeto de pesquisa, levantam-se dados de [tʃ] junto a ditongo decrescente.

²⁰ A produção desse dado é resultado da monotongação que ocorreu em contexto de VV, em que o primeiro segmento é /i/.

Para uma confirmação ou não das hipóteses, seguem as tabelas específicas dos demais contextos – visto que a do contexto I já foi apresentada – que servem de parâmetro para as análises a serem estabelecidas.

TABELA 2 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba átona final cujo ambiente imediatamente antecedente é constituído por ditongo decrescente com [j]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO II				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	11	78,57%	14
	[tʃ]	3	21,43%	
/d/	[d]	6	85,71%	7
	[dʒ]	1	14,28%	

Fonte: Elaboração própria.

TABELA 3 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba não-final contíguas a ditongo iniciado por [i] ou [j]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO III				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	1	20,0%	5
	[tʃ]	2	40,0% ²¹	
/d/	[d]	2	100,0%	2
	[dʒ]	-	0,0% ²²	

Fonte: Elaboração própria.

²¹ Faz-se necessário explicitar que, nos outros 40%, se encontram produções como o dado [kɛʃɔ' nariw].

²² Não houve dados com a vozeada nesse contexto. No entanto, sabemos que a inexistência de dados com a variante não representa, na realidade, que os falantes não produzam esse segmento nesse contexto. Casos como [dʒjabe'isu] estão presentes no dialeto mossoroense, entretanto não ocorreram nas gravações da pesquisa de campo.

TABELA 4 – Ocorrências de /t/ e /d/ no contexto de sílaba átona ou tônica diante da vogal simples [i]

OCORRÊNCIAS DE /t/ E /d/ – CONTEXTO IV				
Variável	Variante	Número de ocorrências	Porcentagem	TOTAL
/t/	[t]	30	93,75%	32
	[tʃ]	2	6,25%	
/d/	[d]	36	94,74%	38
	[dʒ]	2	5,26%	

Fonte: Elaboração própria.

Levando em consideração os percentuais apresentados acima, confirmamos a relevância do ditongo para o processo de palatalização no conjunto de dados analisados de fala mossoroense. Para relacionar a influência do ditongo na palatalização, é necessário atentar para o peso silábico de uma sílaba formada por um ditongo em que [i] ou [j] está presente. Sendo assim, quando há produção de ditongo na fala, há, conseqüentemente, a criação de uma sílaba pesada responsável por influenciar a palatalização. Além disso, é necessário explicitar o ambiente prosodicamente fraco – sílaba átona final de palavra – como mais um condicionante da palatalização de /t/ e /d/.

Ademais, outro argumento que confirma a hipótese de que o contexto I é o mais influenciador diz respeito às variantes oclusivas palatalizadas [tʃ] e [dʃ] presentes apenas na Tabela 1, juntamente com as africadas [tʃ] e [dʒ].

O quantitativo geral, envolvendo todos os informantes e todos os contextos linguísticos, revelou apenas uma ocorrência de [tʃ] e quatro ocorrências de [dʃ]. Entendendo a variante oclusiva palatalizada como uma fase transicional para a realização da variante africada palatal, podemos cogitar que a ocorrência exclusiva de [tʃ] e [dʃ] nesse ambiente linguístico é indicadora de uma subsequente africadação, pois sua ocorrência é identificada apenas em variação livre com a africada, como em ‘prédio’ [ˈprɛdʲu] ~ [ˈprɛdʒu]. De tal maneira, reiteramos a relevância do conjunto sílaba final, ambiente átono e ditongo constituindo sílaba com /t/ e /d/ para o fenômeno de palatalização.

Observando as Tabelas 2 e 3, é possível perceber, apesar da limitação de dados, uma indicação da ocorrência de africadas palatais.

E, quanto à Tabela 4, é notória a disparidade de ocorrências entre as oclusivas alveolares e as africadas palatais, possibilitando a leitura que, de fato, o contexto IV – /t/ e /d/ em sílaba átona ou tônica diante da vogal simples [i] – é o que menos influencia no processo de palatalização e africacão no RN.

A noção de peso silábico é relevante para essa discussão justamente pelo fato de que a vogal sozinha [i] não promove o processo de palatalização de forma tão frequente como o ditongo, como é possível observar na Tabela 4. Ao trazermos à tona a relação do processo de palatalização e/ou africacão com o ambiente prosodicamente fraco e com a sílaba pesada, é possível que surja a dúvida se há um conflito entre esses entendimentos. Em Bisol (2001), vê-se que, no latim, a sílaba pesada atrai o acento. Todavia, no PB, não há uma correspondência exata entre a sílaba pesada e a atração à tonicidade, como é perceptível na palavra “ódio”, presente em nossos instrumentos. Isto é, mesmo que a sílaba final ‘-dio’ apresente um ditongo e, conseqüentemente, configure uma sílaba pesada, o acento recai sobre a sílaba inicial leve ‘ó-’. De tal maneira, a sílaba pesada, por si só, não atrai o acento. Na nossa interpretação, a concepção de sílaba pesada é relevante por envolver a constituição de um ditongo que se opõe a uma vogal simples. Por outro lado, o contexto linguístico formado por sílaba átona final de palavra é relevante por promover uma produção articulatória mais débil, visto que, em termos mais amplos, promove alçamento vocálico, queda de segmento, enfim, modificação articulatória de segmentos na palavra.

Em uma de nossas hipóteses iniciais, são abarcados dois condicionamentos para o fenômeno de monotongação subsequente à palatalização. O primeiro contexto é o de /t/ e /d/ em *onset* de sílaba, preenchida ainda por ditongo com [i] ou [j] presente – motivador de palatalização – caso aplicável aos dados ‘sítio’ [ˈsitʃu], ‘rádio’ [ˈradju] e ‘questionário’ [kɛʃtʃɔˈnarju]. O segundo contexto é o de /t/ e /d/ em *onset* subsequente ao ditongo decrescente terminado por [j] – motivador de palatalização – caso aplicável ao dado ‘oito’ [ˈotʃu]. É importante reiterarmos que, apesar da ausência de dados monotongados com /d/ antecedido por ditongo, podemos prever que o fenômeno também ocorra com o segmento vozeado. Isto é, mesmo que não tenha se apresentado nesse *corpus*, há previsão de que também se realize, uma vez que os segmentos [tʃ] e [dʒ] são extremamente semelhantes – distinguindo-se apenas quanto ao vozeamento – e podem se apresentar nos mesmos

ambientes. Logo, há indicação de que, após à palatalização de /t/ e /d/, pode ocorrer a monotongação nos ambientes delimitados.

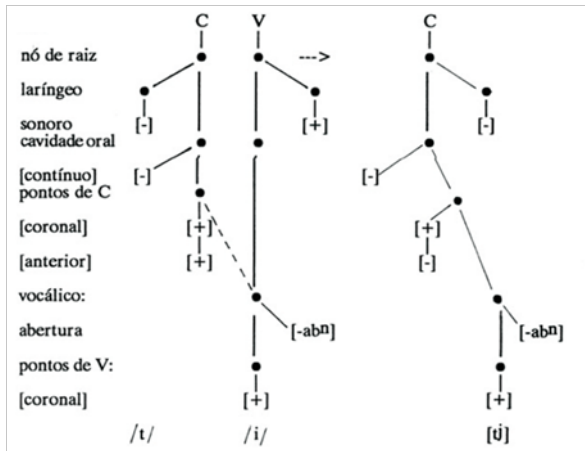
Dessa forma, a análise panorâmica das formas em variação de /t/ e /d/ permite verificar que a africacão em Mossoró é linguisticamente significativa no contexto I. No geral, a maior parte dos informantes produziu dados com variantes não alveolares ([tʲ], [tʃ] / [dʲ], [dʒ]). Dos seis informantes, um deles não produziu nenhuma variante palatalizada e/ou africada, ao passo que, dentre os outros cinco, o que menos produziu variantes com articulação palatal realizou três desses dados e o que mais produziu realizou catorze variantes com traço palatal, entre as dezessete possibilidades.

5.2 Descrição de processos de palatalização e de africacão, sob a luz da Geometria de Traços

Nesta seção, depois da explicitação do estipulado por Bisol e Da Hora (1993)²³ para a descrição dos processos de palatalização e de africacão, propomos uma reformulação da análise em uma tentativa de simplificar os processos.

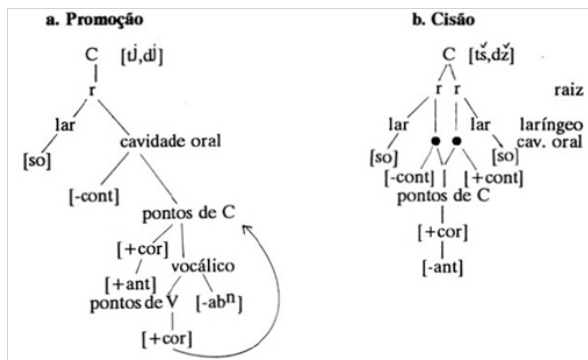
Segundo Bisol e Da Hora (1993), o processo de palatalização de /t/ e /d/ decorre do espraiamento do nó Vocálico de /i/. Para os autores, esse processo inicia-se com a criação de uma articulação secundária na geometria da consoante, tornando o segmento em uma consoante palatalizada ([tʲ]/[dʲ]) no primeiro estágio (FIGURA 3). A partir disso, no segundo estágio, ocorre o processo de *promoção* (CLEMENTS, 1985, 1991). (item a, FIGURA 4) dessa articulação secundária à primária, acarretando a bifurcação das raízes e a criação de um segmento africado ([tʃ]/[dʒ]) – configuração de *cisão* (item b, FIGURA 4).

²³ É importante explicitar que a interpretação dos autores baseia-se na configuração da Geometria de Traços de Clements (1985, 1991).

FIGURA 3 – Representação do primeiro estágio da palatalização²⁴

Fonte: Bisol e Da Hora (1993, p. 32).

FIGURA 4 – Representação dos processos de Promoção e Cisão



Fonte: Bisol e Da Hora (1993, p. 33).

A partir da retomada dessa interpretação, é possível afirmarmos que a primeira fase da palatalização se refere a uma consoante obstruente

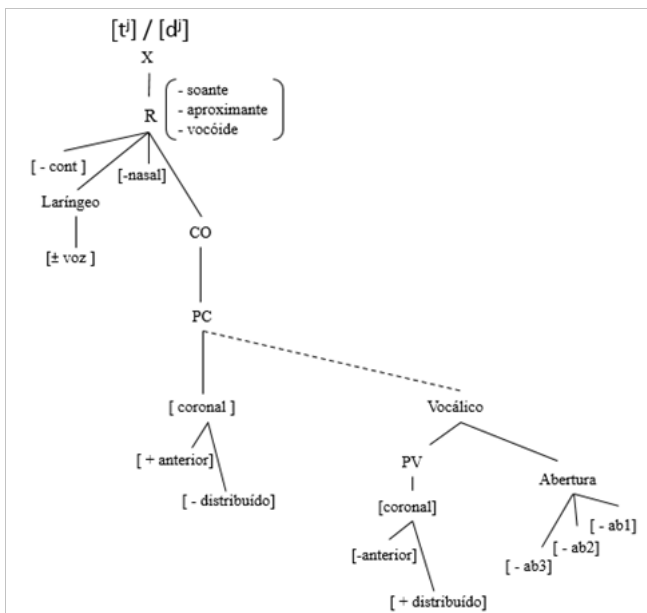
²⁴ A conversão do traço [+anterior] para [-anterior] é explicada posteriormente no desenvolvimento e estabelecimento da análise. Além disso, a representação arbórea dos autores traz algumas diferenças em comparação com Clements e Hume (1996). Em Clements (1985, 1991), o traço [coronal] é marcado binariamente e o traço [±anterior] é suficiente para distinguir segmentos alveolares de palatais.

[-cont] palatalizada, representante de uma fase intermediária para produção das africadas palatais [tʃ] e [dʒ]. Consoantes oclusivas palatalizadas, então, podem ser consideradas um estágio intermediário entre as produções dos segmentos obstruintes [-cont] coronal [+ant] – oclusivos alveolares – [t]/[d] e os obstruintes [-cont] e [+cont] coronais [-ant] – africados palatais – [tʃ] e [dʒ]. Constitui-se, assim, uma gradiência para a palatalização: [t] → [tʰ] → [tʃ] / [d] → [dʰ] → [dʒ].

Explicitamos que, para produção dos segmentos palatalizados – [tʰ] e [dʰ] – ocorre apenas o processo de palatalização, enquanto, para a produção dos segmentos africados – [tʃ] e [dʒ] – ocorre a palatalização e, em seguida, a africacão.

No que se refere ao processo de criação de uma consoante oclusiva palatalizada, mantemos a concepção de espraiamento do nó Vocálico de /i/ para o nó PC de [t] e [d], conforme Bisol e Da Hora (1993). Com esse espraiamento, é estabelecida uma consoante complexa, com uma articulação primária e uma secundária (cf. FIGURA 5).

FIGURA 5 – Representação da Geometria para os segmentos [tʰ] / [dʰ]

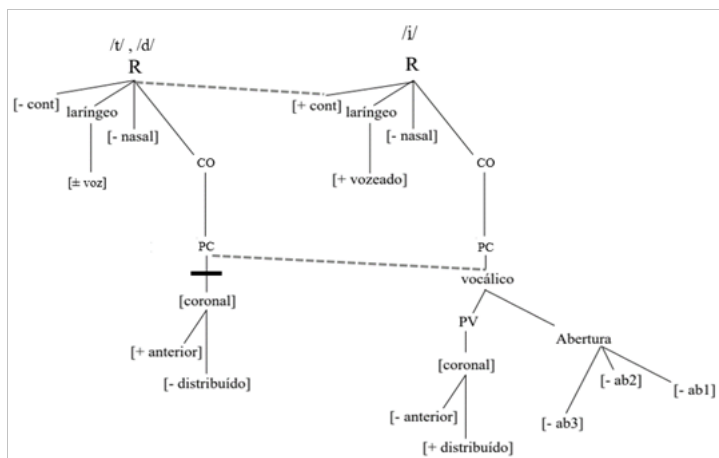


Fonte: Adaptado de Bisol e Da Hora (1993, p. 32).

Quanto à criação de uma africada, partimos da constituição da oclusiva palatalizada (cf. FIGURA 5) com o acréscimo do espraimento do traço [+cont] de /i/. Bisol e Da Hora (1993), por sua vez, postulam que, com a promoção de traço primário a secundário (cf. FIGURA 4 a) e com a cisão, que começa na camada do traço [coronal] e finaliza na camada do nó Raiz para alocar [-cont] e [+cont] (cf. FIGURA 4 b), ocorre a criação da africada.

De nosso ponto de vista, para a passagem de segmento oclusivo alveolar a africado palatal, há o desligamento do [coronal] da consoante para que ocorra o espraimento do nó Vocálico de /i/ e há ainda o espraimento do [+cont] de /i/ para o nó Raiz da consoante (cf. FIGURA 6). Cria-se, conseqüentemente, uma má formação na ramificação do nó Raiz, em respeito à associação simultânea com [-cont] e [+cont].

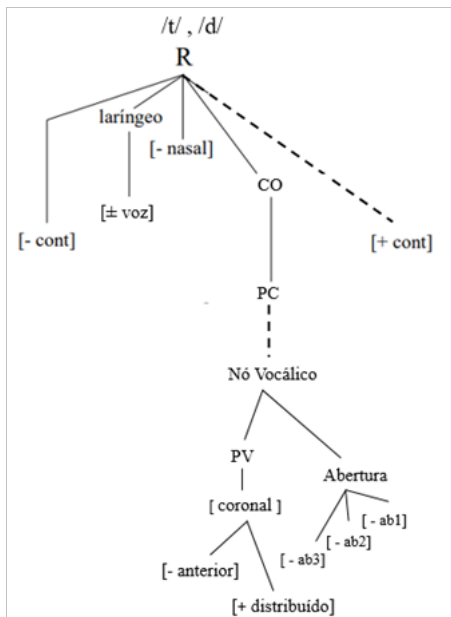
FIGURA 6 – 1ª etapa de palatalização e de africção de /t/ e /d/



Fonte: Elaboração própria.

Após essa primeira etapa de espraimento do Nó vocálico e do traço [+cont] de /i/, configura-se uma geometria, com má formação, de consoante com traços fonéticos decorrentes do segmento vocálico palatal – representados pelas linhas tracejadas (cf. FIGURA 7).

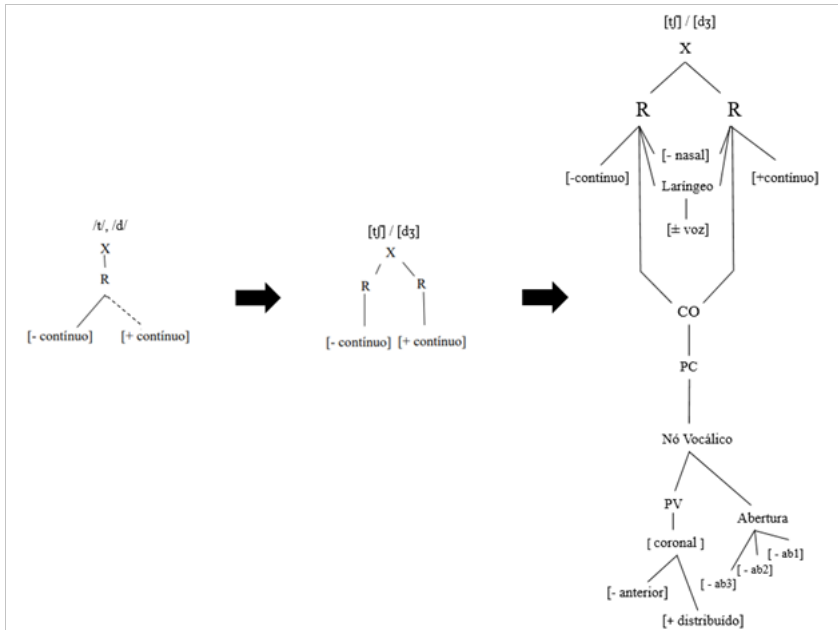
FIGURA 7 – 2ª etapa da palatalização e da africção



Fonte: Elaboração própria.

Depois dessa etapa, estabelece-se a presença de dois traços [contínuo] com valores opostos. O mesmo traço ramificado duas vezes no mesmo nó acarreta a má formação da configuração do segmento (no caso em foco, na camada do [contínuo], não na camada do [coronal] como na perspectiva dos autores vista acima). Por isso, ocorre a cisão e bifurcação do nó Raiz, possibilitando a associação de cada traço [contínuo], de valores opostos, a um nó Raiz. O resultado é o segmento africado/de contorno caracterizado por dois nós Raiz e pelo efeito de borda [-cont] e [+cont].

FIGURA 8 – Cisão e versão final da configuração dos segmentos africados



Fonte: Elaboração própria.

Portanto, a diferença entre a nossa interpretação e a de Bisol e Da Hora (1993) estabelece-se por partirmos de Clements e Hume (1996), por alterarmos a configuração arbórea da Geometria de Traços no que diz respeito à alocação do traço $[\pm\text{contínuo}]$ sob o nó Raiz e por explicitarmos que o $[\text{+cont}]$, que vai proporcionar o segmento de contorno ou africado, decorre do espraçamento desse traço articulatorio da vogal para a consoante. Além disso, não aplicamos o processo de promoção, apenas o de espraçamento do nó Vocálico da vogal após ser desligado o nó PC da consoante. As modificações estabelecidas objetivam simplificar a descrição da passagem de consoante oclusiva à consoante de contorno ou africada palatal.

5.3 Variáveis Extralinguísticas

Houve, durante a pesquisa de campo, a dificuldade de encontrar um indivíduo do sexo masculino e menos escolarizado que aceitasse ser informante. Diante disso, não se apresenta uma indicação totalmente

equitativa quanto à variável escolaridade. Na tentativa de encobrir, parcialmente, essa lacuna, há a participação de duas informantes menos escolarizadas. Desse modo, cada faixa etária apresenta dois participantes, sendo um homem e uma mulher. Na primeira faixa etária, ambos são mais escolarizados; nas segunda e terceira, os homens são mais escolarizados e as mulheres, menos escolarizadas.

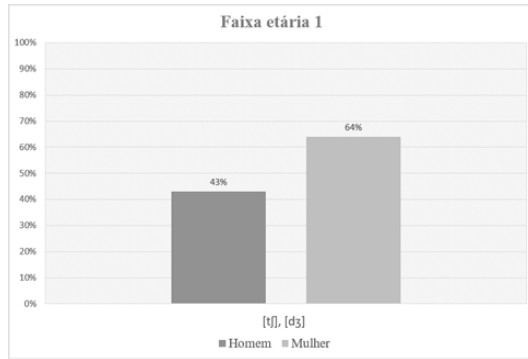
É importante evidenciar que o limite de tempo institucional para o desenvolvimento de toda a pesquisa teve por consequência a gravação com poucos informantes. Mesmo assim, avaliamos que o material com o qual trabalhamos permite um prenúncio do que pode estar ocorrendo na cidade de Mossoró – RN quanto ao fenômeno focalizado.

Acreditávamos que o fenômeno da palatalização fosse de uma entrada recente no dialeto e, por isso, mais observado na fala de jovens. Além disso, também acreditávamos que as mulheres tenderiam a produzir mais as formas palatalizadas, visto, para a comunidade, serem formas inovadoras (MACEDO, 2004). Para verificação do grau de influência das características socioculturais nas produções palatalizadas, apresentaremos os gráficos e suas respectivas análises.

Inicialmente, veem-se três gráficos, divididos por faixa etária, em que são exibidas as porcentagens no que se refere às produções de [tʃ] e [dʒ], correlacionando-as com as produções de homens e de mulheres. Em seguida, mostra-se um gráfico em que comparamos as faixas etárias entre si quanto às produções de [tʃ] e [dʒ]. E, por fim, exhibe-se a um gráfico em que verificamos a porcentagem das ocorrências de [tʃ] e [dʒ] entre mais escolarizados e menos escolarizados.

Esses gráficos resultam do cruzamento do quantitativo dos dados com as variáveis de caráter extralinguístico. Os resultados registrados foram alcançados por meio de cálculos básicos de porcentagem que envolviam a quantidade total de segmentos em um contexto (100%) e a quantidade total de contextos em que o segmento, de fato, ocorreu.

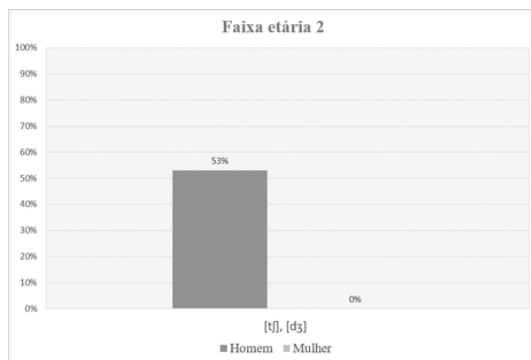
GRÁFICO 1 – Produção das variantes africadas palatais em ambiente potencialmente favorável à palatalização²⁵ (Faixa etária 1 – 18 a 35 anos)



Fonte: Elaboração própria.

Como é possível perceber no gráfico acima, o percentual de ocorrências na 1ª faixa etária aponta para uma palatalização em maior grau por parte da mulher. Os dois informantes, nesse caso, são mais escolarizados. Destacamos que, mesmo que o homem dessa faixa etária não tenha palatalizado tanto diante de um ambiente propício, ele foi responsável pela realização dos dados no ambiente menos favorecedor nessa região – sílaba constituída por /t/ ou /d/ diante da vogal simples [i].

GRÁFICO 2 – Produção das variantes africadas palatais em ambiente potencialmente favorável à palatalização (Faixa etária 2 – 36 a 55 anos)

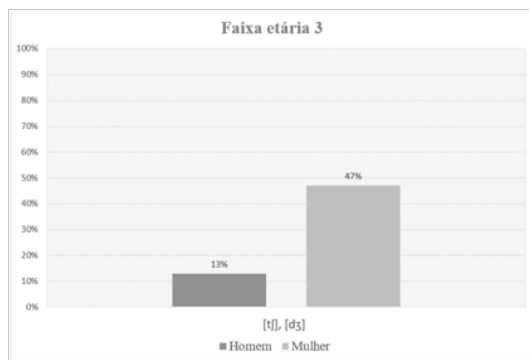


Fonte: Elaboração própria.

²⁵ Nos gráficos, tal ambiente faz remissão à sílaba átona final de palavra.

Na segunda faixa etária, é notória a discrepância na produção das variantes africadas entre o homem e a mulher. Nesse caso, o homem mais escolarizado palatalizou consideravelmente e a mulher menos escolarizada não palatalizou em dado algum. Ao levarmos em consideração que a aplicação dos instrumentos de pesquisa possa causar algum tipo de tensão nos informantes (visível no caso de I4), supomos que essa informante pode ter recorrido à produção de oclusivas ([t] e [d]), e não à produção de africadas ([tʃ] e [dʒ]), por serem produções mais habituais e mais abrangentes, independentemente do ambiente de ditongo. Pensamos, então, que a situação de formalidade da entrevista e a tensão demonstrada pela informante tenham colaborado para que ela produzisse apenas as oclusivas. Ainda que esse entendimento seja fundamentado, principalmente, em um fator individual, ao compararmos as realizações de I4 (faixa etária 2) com as de I6 (faixa etária 3), há um indicativo de que o grau de escolaridade (ambas informantes menos escolarizadas) não interfere no uso de formas palatalizadas.

GRÁFICO 3 – Produção das variantes africadas palatais em ambiente potencialmente favorável à palatalização (Faixa etária 3 – a partir de 56 anos)



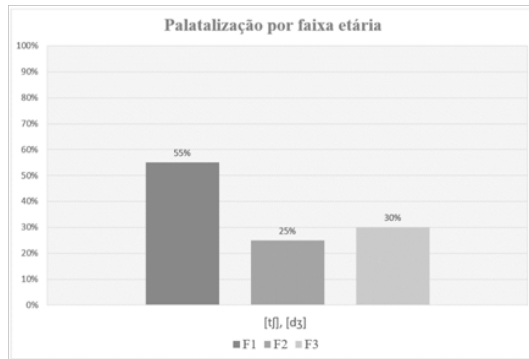
Fonte: Elaboração própria.

Na terceira e última faixa etária, percebemos, novamente, uma produção maior de africadas por parte da mulher. No que se refere à escolaridade, o homem é mais escolarizado e a mulher é menos escolarizada. Nesse caso, foi a mulher menos escolarizada quem palatalizou mais. Esse fato corrobora para a impressão tida de que, na faixa etária 2, não foi a escolaridade que ocasionou a exclusiva produção

de oclusivas alveolares de I4 – também menos escolarizada, e sim o contexto situacional de formalidade e de tensão.

Dessa forma, as mulheres nas faixas etárias 1 e 3 palatalizaram mais que os homens de suas respectivas faixas. Sendo assim, com base nos dados dessas informantes, e com a ressalva feita à I4 na faixa etária 2, há indícios de que as mulheres palatalizam mais do que os homens.

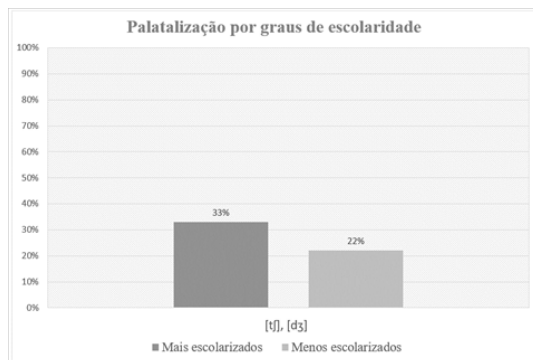
GRÁFICO 4 – Porcentagem de palatalização por faixa etária



Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados acima, entendemos que a palatalização pode ser caracterizada como um fenômeno estabelecido nessa comunidade, uma vez que todas as faixas etárias apresentaram ocorrências desses tipos, com destaque para os mais jovens. Levando em consideração cada faixa etária – sem a constante de sexo – percebemos que os mais jovens (F1), demonstram uma porcentagem de palatalização bem superior aos informantes das outras duas faixas (F2 e F3). Logo, há indícios de que a palatalização está mais estendida na fala dos mais jovens, ainda que ocorra nas três faixas analisadas.

GRÁFICO 5 – Porcentagem de palatalização por graus de escolaridade



Fonte: Elaboração própria.

Para representar a variável escolaridade, temos duas mulheres menos escolarizadas e os demais informantes como mais escolarizados. Assim, para realizar a comparação de forma numericamente igualitária, estabelecemos as duas mulheres da 2ª e 3ª faixas etárias compondo o grupo de “menos escolarizados” e os dois homens, também da 2ª e 3ª faixas etárias, compondo o grupo de “mais escolarizados”.

Apesar da modesta diferença de 11% apresentada no gráfico, em que os mais escolarizados se destacam, é necessário levarmos em consideração que as mulheres menos escolarizadas (I4 e I6) apresentaram porcentagens de palatalização dispares. Isto é, a primeira não palatalizou em nenhum caso, e a segunda produziu africadas palatalizadas em quase metade dos dados (47%, cf. Gráfico 3). Esses dados sugerem a escolaridade como um fator não condicionante do fenômeno em foco.

6 Considerações finais

Levando em consideração as interpretações linguísticas e extralinguísticas apresentadas, retomamos os resultados obtidos neste trabalho a partir da análise. Na perspectiva linguística, observamos que, em Mossoró – RN, o contexto que influencia em maior grau a palatalização e/ou africacão é o de /t/ e /d/ em *onset* de sílaba átona final compartilhando sílaba com ditongo iniciado por [i] ou [j]. Sendo assim, acreditamos que a presença de ditongo somada a um ambiente prosodicamente fraco, em que se encontra /t/ e /d/, indica um favorecimento ao fenômeno da palatalização.

Isto é, o contexto linguístico consubstanciado pela vogal /i/, em formação de ditongo (constituindo uma sílaba pesada), e pela ocorrência de /t/ e /d/, em *onset* de sílaba átona final de palavra, propicia a palatalização e a africacão.

Além disso, considerando postulações de Bisol e Da Hora (1993) e de Clements e Hume (1996), implementamos modificações com o intuito de simplificar a descrição do fenômeno da palatalização e da africacão. Estabelecemos, assim, a demonstração da passagem de oclusiva alveolar à africada palatalizada, com o desligamento do traço [coronal] de /t/ e /d/ e do espraiamento do nó Vocálico e do traço [+contínuo] da vogal /i/ para as geometrias das consoantes delimitadas.

Na perspectiva sociolinguística, por sua vez, percebemos que homens e mulheres, tanto mais jovens quanto mais velhos e com menos ou mais escolaridade, palatalizam em algum grau. Contudo, a partir dos resultados de nossos dados, acreditamos na possibilidade de indicar uma tendência mais acentuada de palatalização por parte das mulheres e dos mais jovens. cremos, portanto, que a faixa etária e o sexo são as variáveis extralinguísticas mais condicionantes para palatalização e/ou africacão de /t/ e /d/ em registros de fala mossorense.

Considerando os limites do *corpus* analisado e do grupo de informantes gravados, sobretudo para o estabelecimento de uma análise sociolinguística, levantamos algumas questões norteadoras para o prosseguimento da pesquisa, centrada, principalmente, nessa perspectiva.

- a. As variáveis socioculturais de sexo e de faixa etária são realmente relevantes quando aplicadas a um grupo maior de informantes?
- b. A variável sociocultural de escolaridade mantém-se irrelevante?
- c. O uso de formas palatalizadas é produtivo na cidade de Mossoró?
- d. A palatalização de /t/ e /d/ contíguos a vogal simples /i/ é possível de ser realizada, em Mossoró, por falantes de características socioculturais diferenciadas?
- e. A palatalização de /t/ e /d/ contíguos a ditongo é uma realidade em outros municípios do RN?

Apresentadas as limitações desta análise e lançados os questionamentos para pesquisas futuras, reiteramos a condição indicativa dos resultados. Entretanto, acreditamos que esta pesquisa ainda configura uma contribuição para a expansão dos estudos de palatalização no território brasileiro e, mais especificamente, no que tange ao falar do RN.

Agradecimentos

Agradecemos a Gabriel Sales, Mateus Parducci e Tiago Caian por participarem de discussões decisivas para o desenvolvimento deste artigo.

Declaração de contribuição de cada autora

As autoras Thayná Cristina Ananias e Carla Maria Cunha declaram ser responsáveis pela elaboração do artigo intitulado “A palatalização dos segmentos /t/ e /d/ adjacentes a ditongo em registros de fala mossoroense”. Thayná Cristina Ananias ficou responsável pela coleta de dados, confecção de instrumentos, interpretação dos dados, redação e revisão. Carla Maria Cunha, por sua vez, ficou responsável, também, pela redação e revisão, além de se encarregar da conceptualização, administração e supervisão do projeto.

Referências

ARAGÃO, M. S. S. As variantes de natureza palatal no português do Brasil: descrição e transcrições. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 147-158.

ARAGÃO, M. S. S. Falares nordestinos: aspectos socioculturais. *Acta Semiotica et Linguística (ASEL)*, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 67-81, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2446-7006.44v25n1.53670>

BARBOZA, C. L. F. *Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira*. 2013. 265f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Análise em tempo real da palatalização de /t/ e /d/ no português falado em uma comunidade ítalo-brasileira. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 221-246, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42492>

BATTISTI, E. *et al.* Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 1-29, 2007.

BISOL, L. O ditongo em português. *Boletim da ABRALIN*, Campinas, v. 11, p. 41-47, 1991.

BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. PUCRS: Porto Alegre, 2001.

BISOL, L.; DA HORA, D. Palatalização da oclusiva dental e fonologia lexical. *Letras*, Santa Maria, n. 5, p. 25-40, 1993.

BRASIL, Comitê Nacional do Projeto ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CALLOU, D.; BRANDÃO, S. O processo de palatalização no português do Brasil. *Linguística*, Santiago (Chile), v. 18, p. 57-73, 2006. Disponível em: https://www.mundoalfal.org/es/pt_vol18. Acesso em: 17 jun. 2021.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (org.). *DOCUMENTO 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300006>

CARVALHO, S. M. A. *Um lugar (in)existente: o “país” de Mossoró nas tramas da consciência histórica*. 2012. 134f. Dissertação (Mestrado em História e Espaços) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_e4b92932896d22073a0d779673b60c95. Acesso em: 19 fev. 2021.

CARVALHO, S. D. M. Considerações de natureza diatópica sobre a oclusiva dental surda. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPR, XX., 1998, Curitiba. Trabalho apresentado.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. J. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p. 141-155.

CLEMENTS, G. N. Place of Articulation in Consonants and Vowels: A Unified Theory. In: WORKING PAPERS OF THE CORNELL PHONETICS LABORATORY, 5., 1991, Ithaca. *Proceedings* [...]. Ithaca: Cornell University, 1991. p. 77-123.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of Phonological Features. *Phonology Yearbook*, Cambridge, v. 2, p. 225-252, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0952675700000440>

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, MA: Blackwell Publisher, 1996. p. 180-226. Disponível em: http://www.blackwellreference.com/subscriber/book?id=g9780631201267_9780631201267 Acesso em: 17 jun. 2021.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *et al.* Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.59-89>

CRISTÓFARO-SILVA, T.; LEITE, C. T. Padrões sonoros emergentes: (oclusiva alveolar + sibilante) no Português Brasileiro. *Caderno de Letras*, Londrina, v. 24, p. 15-36, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i24.7270>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7270>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.20.2.59-89> Disponível: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2744>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CUNHA, C. M. *Um estudo de fonologia da língua Makuxi (Karib): inter-relações das teorias fonológicas*. 2004. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2004.

CUNHA, C. M.; SILVA, P. S. M. A palatalização do /s/ em coda em registro de fala natalense. In: DA HORA, D. *et al.* (org.). *Estudos linguísticos (teorias e aplicações): contribuições da Associação de Linguística e Filologia da América Latina – ALFAL*. São Paulo: Terracota Editora, 2019. p. 45-62. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/es/content/libro-estudios-linguisticos-teorias-e-aplicaciones-contribuciones-da-alfal> Acesso em: 20 mai. 2021.

DA HORA, D. A palatalização das oclusivas dentais: uma abordagem não-linear. *DELTA*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 175-193, 1993.

DIAS, E.; SEARA, I. Redução e apagamento de vogais átonas finais na fala de crianças e adultos de Florianópolis: uma análise acústica. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 71-93, 2013.

MACEDO, S. S. *A Palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. 2004. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7973>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MATTOSO CAMARA JR, J. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

PESSOA, M. A. Os pós-vocálico na fala de Natal. In: SIMPÓSIO DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, I., 1986, Salvador. *Atas [...]*. Salvador: UnBA, 1986. p. 209-216

QUANDT, V. O. Sobre a oclusiva dental sonora no corpus APERJ, In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPR, XX., 1998, Curitiba. Trabalho apresentado.

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIe siècle à nos jours. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LÍNGUA FALADA NO TEATRO, I., Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: MEC, 1958. p. 387-399.

SELKIRK, E. The Syllabe. In: HULST. H.; SMITH, V. *The Structure of Phonological Tepresentations* (part II). Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SILVA, J. J. D.; COSTA, C. P. G. Debucalização e fonologia autossegmental. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 627-651, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2014.2.17887>. Disponível: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/17887>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SIMIONI, T. O glide e a estrutura silábica em português brasileiro. *SILEL*, 2., 2011, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: EDUFU, 2011. v. 2. p 1-20. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1086.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.